

## TENDÊNCIAS/DEBATES

Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo

# A água e o desenvolvimento nacional

LUIZA ERUNDINA

No ano de 1992, em Dublin, Irlanda, a Organização das Nações Unidas (ONU) realizou a Conferência Internacional da Água, que definiu o dia 22 de março como Dia Internacional da Água. Passados oito anos, não há mais dúvida de que a falta de água e o comprometimento de sua qualidade serão um dos maiores problemas da humanidade no próximo século.

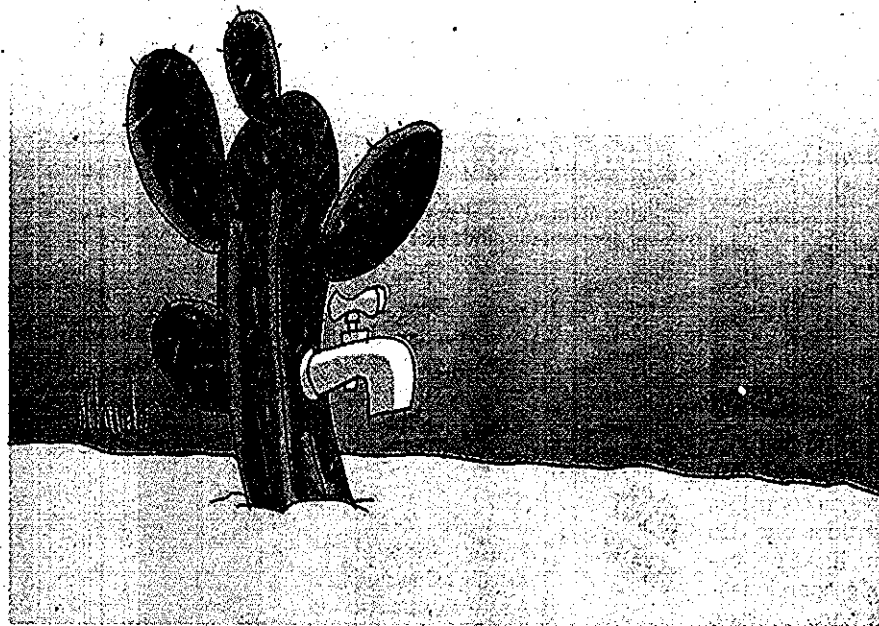
Assim atestam estudos de diversos especialistas e organismos internacionais. Em recente relatório, o Banco Mundial (Bird) informa que 1,4 bilhão de pessoas vivem atualmente em áreas de seca permanente. Dentro de 25 anos, na previsão do Bird, a população nas áreas de seca deve dobrar.

No Brasil, certamente porque contamos com imensas reservas de água doce, não se tem dado a devida atenção a essa questão como sendo estratégica para nosso desenvolvimento nacional.

Enquanto grande parte da região Nordeste vive mergulhada na miséria, em decorrência dos longos períodos de seca, o governo Fernando Henrique Cardoso insiste irresponsavelmente na privatização da Companhia Hidrelétrica do São Francisco (Chesf), que resultará também na privatização das águas do rio São Francisco, das quais dependem qualquer projeto de irrigação e o abastecimento de diversas cidades e povoados.

O Nordeste é apenas um exemplo da falta de compromisso do governo que aí está com o país e sua população. Em outras regiões, a poluição toma conta dos rios e a água se torna cada vez mais escassa. Apesar dos alertas, até agora a única proposta concreta do governo brasileiro foi a de criar a Agência Nacional de Águas (ANA), encarregada de regulamentar o uso da água no país, a exemplo das agências criadas para fiscalizar o setor de telecomunicações (Anatel) e de energia (Aneel). São órgãos que trazem consigo o princípio privatista e nenhum compromisso com o futuro do país.

O próprio ministro do Meio Ambiente, Sarney Filho, já se declarou favorável



à privatização da água, diante dos “vultuosos investimentos necessários ao setor”. Esse mesmo argumento foi utilizado para entregar nossas empresas estatais ao capital externo, com financiamento do BNDES.

Da mesma forma açodada, o governo neoliberal quer entregar nossos rios e nascentes ao capital privado, especialmente aos especuladores internacionais, sem nenhum debate com a sociedade. É de perguntar: como ficará a produção agrícola brasileira se os donos das águas, dos rios, poderão cobrar o preço que bem entenderem? E o abastecimento da população?

*Como ficará a  
produção agrícola se  
os donos das águas  
poderão cobrar o que  
bem entenderem?*

Entendemos que a água é um bem público, indispensável à sobrevivência da população, que, portanto, jamais poderá estar nas mãos do setor privado. Os brasileiros conhecem muito bem hoje as “maravilhas” da privatização prometidas pelo sr.

Fernando Henrique Cardoso e seus seguidores: aumento de preços e tarifas e serviços de péssima qualidade.

Assusta-nos a desfaçatez com que certas autoridades investem agora contra as nossas águas. É um negócio bilionário, considerado uma das principais “commodities” do futuro. Essas “autoridades” vão na verdade comprometer irremediavelmente o futuro do Brasil,

sua independência e a sobrevivência da população.

A investida tem como objetivo também as reservas de água mineral. Detemos a maior reserva de água mineral do planeta, sendo que apenas 8% dela é explorada. Nossas fontes despertam grande interesse do capital internacional. Grandes grupos estão investindo, no Brasil, em água mineralizada, que nada mais é do que água comum artificialmente adicionada de sais, uma nova categoria totalmente diferente da água mineral natural.

Parece estranho que poderosas empresas invistam elevadas verbas em marketing para convencer o consumidor a pagar caro por água equivalente à da torneira. Parece-nos estratégia para desestruturar um mercado emergente, podendo, assim, controlar grandes reservas de água, para uso industrial, tendo em vista a situação de escassez de água potável no mundo. No futuro, venderão o produto a preço de ouro.

E nós, detentores das maiores reservas mundiais, estaremos nas mãos das multinacionais. Daí por que querem controlar os mananciais brasileiros. Daí por que temos que reagir, entendendo ser a utilização democrática e soberana de nossos recursos hídricos uma questão estratégica para o desenvolvimento nacional.

Luiza Erundina de Souza, 65, é deputada federal pelo PSB-SP e pré-candidata ao governo municipal. Foi prefeita de São Paulo (1989-92) e ministra-chefe da Secretaria de Administração Federal (governo Itamar Franco).